



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 40 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA-ADJACENTES E HES-
PANHIA: Trimestre 13\$00, semest. 26\$00
ANO 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DETECTIVE

Vigilancia de pessoas e investi-
gações commerciaes

Trata-se com seriedade, sigilo e
economia — Dão-se referencias

Posta Restante. C. Castro. Lisboa



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIEENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

MELINA

O melhor e mais fiavel

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte,
Depositarlos gerals:

Fernandes, Almeida & C., Lt.ª

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.ª

V. Ex. Está Herniado?

Quer obter uma cura
Completa e Permanente?

Ensaie Esto Gratis.

Aplique-o a qualquer quebradura, que
seja antiga ou recente, grande ou peque-
na e logo V. S.ª estará no caminho da
cura. Eis aqui uma v. rdade que conven-
ceu a milhares de pessoas.

Se envie grátis como prova.

Roga-se aos herniados, homens, mulhe-
res, creanças, mandarem vir uma prova
deste maravilhoso remedio estimulante
que nada lhes custará a elles.

Basta friccionar com este remedio os
musculos ao redor da abertura herniaria
para que segundamente estes principem
a se pôrem mais duros, até que a abertu-
ra se cierre natural e gradualmente e que
em fim, o uso da fund. não mais se torna
necessario.

Não olvide pedir este ensaio gratis a
todos.

Se for por acaso que a sua quebradura
não lhe moleste, isto não é razão para V.
S.ª sempre se expôr ao incommodo da
funda. PORQUE É SOFRER M. IS ESTE
FUNESTO MAU? Porque correr o perigo
da Gangrena? e outros maus semelhantes
proven frequentemente duma hernia, pelo
momento de pouca importancia, mas que
podera ser das que subitamente deixe a
muitos sobre a mesa das operações.

Ha muitas personas que correm diari-
mente p rigos parecidos sem saber o, jus-
tamente porque as suas hernias não lhes
molestem e que não lhes impedem de fa-
zerem as suas occupações diarias.

Escreva-nos em seguida, enchendo a
cupon abaixo.

GRT IS NOS GASOS DE HERNIA.

W. S. Rice, Ltd., (S. 1221)
8. & 9, Stonecutter St., London, E.
C. 4, Inglaterra.

Sirva-se enviar-me uma amostra gra-
tuita de seu remedio estimulante para
a hernia.

Nome.....

Direcção.....

Estado.....

== CALÇADO == AO PUBLICO

Liquidação completa
de calçado existente no de-
posito das fabricas Poço Bor-
ratem, 13, 3.º (frente)

Pechinchas! Pechinchas! e mais Pechinchas

Sap. para creança.....	2\$50
» » »	12\$50
Grande saldo.....	25\$00
Sap. para senhora.....	24\$00
» » »	28\$00
Em belo veniz.....	37\$50
» » » decotado,	45\$00
Grande quantidade botas para homem.....	55\$00
Grande quantidade botas para homem.....	39\$50
Em bom calf-preto f. mo- da.....	47\$50
Em bom calf cor moda.	55\$00
Bota Foot-ball.....	42\$50

DEPOSITO

Poço Borratem, 13, 3.º (frente)

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade
limitada

Ações.....	300.000\$00
Obrigações.....	250.000\$00
Fundo de reserva e amorti- sação.....	330.000\$00
Escudos.....	1302.20\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fa-
bricas do Prado, Marianala e Sobrelinho
(Tomar), Penedo e Casa de Herno (Loa-
za), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), ins-
talladas para uma produção annual de 6 mil-
hões de quilos de papel e dispondo dos
maquinismos mais aperfeiçoados para a
sua industria. Tem em deposito grande
variedade de papéis de escrita, de impres-
são e de embrulho. Toma e executa prom-
tamente encomendas para fabricações espe-
ciaes de qualquer quantidade de papel
de maquina continua ou redonda e de fór-
ma. Fornece papel aos mais importantes
jornaes e publicações periodicas do paiz e
é fornecedora exclusiva das mais impor-
tantes companhias e empresas nacionaes—
Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua
da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de
Passos Manuel, 51.—Endereço telegraphico
em Lisboa e Porto: Companhia Prado—
N.º telef. Lisboa 665, Porto 117.

REAL HAND



EMBROIDERY

MADE IN MADEIRA

OS MELHORES BORDADOS DA MADEIRA
(STOCK PERMANENTE)

Azinhais, Limitada

Largo do Callas, 1, 2.º — TELEPHONE
LISBOA C. 3694

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



Uma fase do desafio entre o S. C. P., de Lisboa e o F. B. C., do Porto

TODOS OS "SPORTS"

A Associação Académica de Coimbra é finalista do campeonato de Portugal!

Todos se admiram ainda e mesmo aqueles que, de mais perto, têm seguido os jogos do campeonato, do esforço dispendido pelo onze negro de Coimbra.

A alma e o entusiasmo foram os principais factores das três vitórias alcançadas até á data.

A de domingo ultimo, porém, excedeu toda a expectativa.

Com effeito, depois de derrotar os campeões de Braga e do Algarve, a Associação Académica triunfava do Sport Club Marítimo, campeão da Madeira!

E' a este encontro que nos vamos referir hoje: Eram 17 horas em ponto quando Albertino Gomes fez iniciar o «match».

Os académicos, que têm direito ao «kike off», fazem a primeira avançada, que chega até proximo das redes madeirenses e conclui com um remate alto.

Os académicos assediam por algum tempo o campo adversario, apesar de estarem jogando contra o vento.

Numa descida perigosa do quinteto negro, sobre um centro do extremo direito, o medio da respectiva aza aponta ás rédes.

A bola bate num dos «backs» e volta para poder dos negros.

Um novo remate sesgado do meia direita faz com que a bola entre nas rédes ao canto esquerdo.

Os académicos haviam conseguido o seu primeiro «goal».

Uma ovação estrondosa premeia o esforço do grupo de Coimbra,

Nesta ovação salientou-se a Academia de Lisboa e a de Coimbra, que se achava representada pelos elementos que constituem o orfeon, com a respectiva banda, a «Pitagorica», que teve ocasião de entoar uma harmoniosa marcha de regosijo.

O jogo, porém, continua e agora são os avançados do Marítimo que «driblam» no campo adversario.

Ha alguns remates ao «goal», que passam alto, e outros que o guarda-réde defende com uma calma e uma precisão verdadeiramente notáveis.

Os «backs» académicos Ribeiro da Costa e Prudencio têm também um bom trabalho, o primeiro em jogo de cabeça e o segundo aliviando forte.

Dos «halfs» os melhores foram Esquivel ao centro e Miguel na direita. O «half» esquerdo não tem jogo nenhum.

Dos avançados só os extremos são bons jogadores e o trio é muito fraco.

Nas suas investidas, o Marítimo procura na violencia o que não consegue com bom jogo.

Assim, registam varias penalidades contra este grupo,

que os académicos aproveitam para conquistar terreno.

Os primeiros 45 minutos de jogo passam-se sem que o resultado 1-0 a favor dos académicos se modifique.

Depois do descanso, o jogo continua.

Os académicos têm agora o vento a favorece-los.

Este facto, porém, poucas vantagens lhes dá, porque o Marítimo não deixa de assediar o seu campo.

A defesa académica brilha e alivia forte.

A aza esquerda negra prepara ao seu grupo algumas descidas brilhantes que, se não dão effeito, é unicamente devido á precipitação com que os seus companheiros jogam.

Numa das descidas dos académicos o «back» esquerdo dos verdes e encarnados alivia para correr.

Pais marca com tal precisão que um dos seus companheiros apenas teve de lhe tocar com o joelho para a meter nas rédes.

O onze negro ganhara por 2-0.

Na assistencia o espanto era geral, pois ninguém duvidava da vitoria do marítimo.

A bola vai ao centro.

Os verdes e encarnados, verdadeiramente desorientados, procuram a todo o transe marcar.

Os seus remates, porém, ou são altos ou caem magicamente nas mãos do guarda-réde académico.

Das defesas deste salientamos aquella em que ele, num belo mergulho, se lançou aos pés do meia direita adversario, desarmando-o.

Num ataque do Marítimo, Esquivel, defendendo, comete falta proximo da area do «peralty».

Marcada esta, o Marítimo consegue o primeiro «goal».

O jogo continua, sempre com um certo dominio favoravel ao Marítimo. Porém, os académicos mostram-se mais perigosos nas suas descidas e, se o trio central ligasse melhor, os verdes e encarnados sofreriam ainda maior derrota.

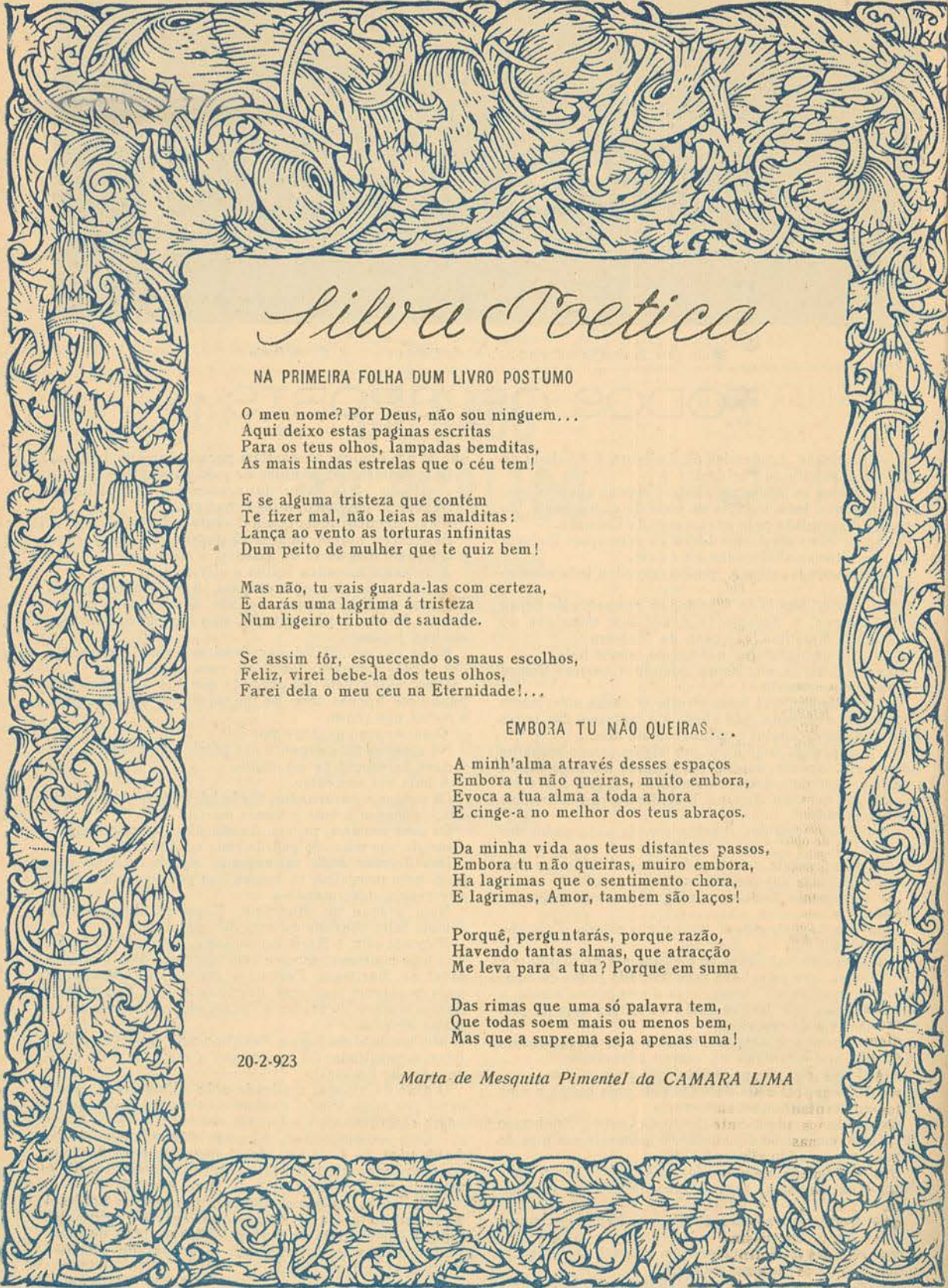
Até ao final do jogo o Marítimo não consegue modificar o resultado 2-1, perdendo a meia final do campeonato de Portugal.

O hino da vitoria, musicado pela «Pitagorica», fez-se ouvir por largo tempo, enquanto os jogadores da equipe negra eram levados em triunfo.

— Com o resultado de domingo ultimo, a Associação Académica de Coimbra ficou aprovada para finalista do campeonato de Portugal juntamente com o Sporting, vencedor do Foot-Ball Club do Porto por 3-0.

— No nosso proximo numero, o redactor habitual desta secção fará uma interessante critica do primeiro jogo do campeonato de Portugal Universitario de Foot-Ball, em que se defrontaram os grupos de Lisboa e Porto nesta ultima cidade.

A. A. A.



Silva Poetica

NA PRIMEIRA FOLHA DUM LIVRO POSTUMO

O meu nome? Por Deus, não sou ninguém...
Aqui deixo estas paginas escritas
Para os teus olhos, lampadas bemditas,
As mais lindas estrelas que o céu tem!

E se alguma tristeza que contém
Te fizer mal, não leias as malditas:
Lança ao vento as torturas infinitas
Dum peito de mulher que te quiz bem!

Mas não, tu vais guarda-las com certeza,
E darás uma lagrima á tristeza
Num ligeiro tributo de saudade.

Se assim fôr, esquecendo os maus escolhos,
Feliz, virei bebe-la dos teus olhos,
Farei dela o meu ceu na Eternidade!...

EMBORA TU NÃO QUEIRAS...

A minh'alma através desses espaços
Embora tu não queiras, muito embora,
Evoca a tua alma a toda a hora
E cinge-a no melhor dos teus abraços.

Da minha vida aos teus distantes passos,
Embora tu não queiras, muio embora,
Ha lagrimas que o sentimento chora,
E lagrimas, Amor, tambem são laços!

Porquê, perguntarás, porque razão,
Havendo tantas almas, que atracção
Me leva para a tua? Porque em suma

Das rimas que uma só palavra tem,
Que todas soem mais ou menos bem,
Mas que a suprema seja apenas uma!

20-2-923

Marta de Mesquita Pimentel da CAMARA LIMA



A ARTE DE VESTIR

O vestir é uma arte e uma arte bem mais difícil do que ao princípio parece. Divide-se em varios ramos: vestir para passeio, para visitas, para recepções, para teatro, etc., etc.

Destes pontos se poderia fazer um tratado, mas o mais difícil de todos eles é talvez o saber vestir no lar.

Quantas senhoras que se apresentam no mundo vestidas com a maior elegancia e propriedade, desprezam por absoluto a sua indumentaria no lar.

E, no entanto, em parte alguma é mais necessario requinte e bom gosto do que na nossa propria casa.

Se a mulher é casada precisa vestir-se não com luxo exagerado, porque isso seria ridiculo e pretencioso, mas com arte, com elegancia carinhosa, em que a idéa de agradar a seu marido e de impressionar bem os filhos, desenvolvendo neles, com toda a naturalidade, os sentimentos de beleza e estetica, lhe dirija os mais significativos gestos.

Se é solteira, precisa saber vestir de forma que dê bem a impressão que a sua vida não é uma futilidade, que a sociedade tem a menor parte dela e que a sua verdadeira existencia pertence ao lar.

Ha um defeito vulgarissimo mas em que não cae a mulher que tenha muito afinado o sentido da propriedade das coisas. Nunca essa mulher usará por casa um vestido que já tenha servido para a rua e tenha sido posto da parte. Se o fizesse iria de encontro ás duas grandes qualidades que o vestuario para o lar exige: simplicidade e frescura. Haverá nada de menos simples do que um vestido carregado de bordados ou feito de tecidos demasiadamente delicados que se prendem a todos os pregos e portas? E a frescura desajada não será muito mais facil de obter usando um fato que caia a direito com uns enfeites singelos; um fiavel de organdi ou um recorte ligeiro?

Tenhamos sempre em mente que numa casa em que tudo é encanto e onde só destoa do conjunto ha monico a dona da casa que, apanhada de improviso, nos aparece desleixada no fato, despenhada e com unhas por limpar, recorda o tunnilo branqueado por fora e cheio de podridão por dentro, de que nos falam as Escrituras.

INQUERITO DO LAR

Ha dias, discutia-se acaloradamente numa sala se era mais facil perdoar a ofensa feita por um amigo ou por um inimigo.

As opiniões foram variadissimas; os argumentos apresentados por ambos os lados muito interessantes, mas não se chegou a uma decisão por que o numero de votos foi igual de parte a parte. Lembrámo-nos então que, sendo as mulheres juizes competentissimos, em questões de sentimento, talvez as leitoras do lar, nos quizessem honrar com as suas opiniões, ser-

vindo de desempate á discussão. As respostas virão aqui publicadas nesta secção. Teem de ser concisas; preferencia e razão da preferencia não deverão ocupar mais de seis a sete linhas em letra manuscrita.

ONDE GUARDAR OS NOSSOS SAPATOS

A senhora elegante tem sempre grande variedade de sapatos e portanto necessita um armario reservado apenas para o seu calçado. Quem tem um quarto pequeno pode fazer um unico movel que sirva ao mesmo tempo de lavatorio e armario de calçado. Estes lavatorios são mais largos que os vulgares, teem dos lados dois armarios com prateleiras encimadas por uma gaveta, onde se guardam os sapatos de baile ou de cor clara, envolvidos em papel de seda. Nos armarios mette-se o calçado da rua, fechando-os com uma cortina para que seja possivel a ventilação, porque o couro conserva-se melhor quando recebe ar.

Tambem se podem aproveitar, para o mesmo fim, caixotes velhos que se colocam como banquetas, aos lados das janelas, forrando-os de uma bonita chita garrida.

Mas de todas as idéas que tenho sobre o assunto a mais pratica e original é esta. Forram-se as portas do guarda-vestido de chita, na qual se cozem umas iras transversaes da mesma fazenda, dividindo-as em algebeiras. Em cada uma delas mete-se um sapato, com o salto encostado á borda, para não se poder amachucar.

O NOSSO JARDIM

As flôres requintadas e exóticas ficam bem em jardins de palacio ou em luxuosas estufas; quem deseje ter um jardim despretençioso, cujo unico fim seja agradar aos olhos e proporcionar umas horas de recreio, procura flôres simples e alegres das quaes em geral se conhecem apenas os nomes que o povo lhes dá.

Quem saberá descobrir sob a rebarbativa denominação de — antirrhinia e aquilegia — os nossos intimos amigos, o «dente de leão» e a «herva pombinha»?

Demais sendo flôres de modestos jardins só os seus nomes modestos lhes quadram bem.

O «dente de leão» é uma planta resistente e sem exigencias, florindo profusamente em terrenos pobres e em tempos de estiagem, sob todas as condições desfavoraveis e conservando-se em floração por largo tempo.

Estamos na estação propria para searmos os «dentes de leão».

No caso de se desejarem canteiros só desta flôr é preferivel comprar pacotes de diferentes côres, mas se

fór para alegretes entremeados, então escolhem-se côres que harmonisem com as das outras flôres escolhidas.

Ha tres especies desta planta — a alta, a meã e a pequema, que não cresce mais de meio metro.

A prúmeira qualidade fica bem colocada em grupo nos canteiros circulares ou como fundo nos que o não são.

Com a meã enchem-se quasi completamente os canteiros, enquanto, que a mais pequena — muito

CALENDARIO DA SEMANA

Junho—30 dias

- 24—Domingo—S. João Baptista.
- 25—Segunda feira—S. Guilherme.
- 26—Terça feira—S. João, S. Paulo.
- 27—Quarta feira—S. Adelino.
- 28—Quinta feira—S. Leão II, S. Benigno.
- 29—Sexta feira—S. Pedro e S. Paulo.
- 30—Sabado—S. Marçal.

prolifera, é propria para formar as bordas dos canteiros, e guarnecer peitoris de janela e varandas.

Ha uma grande variedade de cor nestas flores, as mais lindas são as que percorrem gamas de tons, de bronze a ouro, de carmezim a rosa.

A semente deve ser lançada na terra nos fins de maio, principios de junho, em pequenos grupos, com um intervalo de meio metro entre cada um deles.

A «herva pombinha» também não é exigente, nem quanto a terreno nem quanto a tratamento.

Fazem-se canteiros encantadores exclusivamente desta planta e é indispensavel na cercadura do canteiro mixto.

Floresce mais tarde do que o «dente de leão», podendo, portanto, ser semeada em agosto para dar flor em meados de outono.

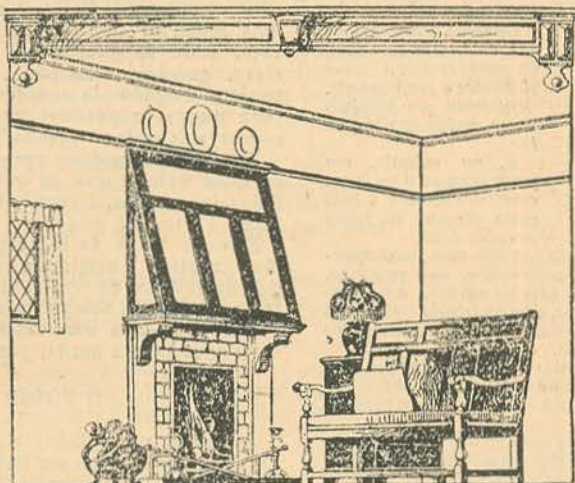
TRANSFORMANDO A LAREIRA

Ha uns anos para cá que nos vimos convencendo de que o facto de termos um clima temperado, não é razão para estarmos tiritando com frio nas nossas casas ou sermos afugentados delas pela sua falta de conforto para o meio da rua, onde conseguimos enfim aquecer. Por isso as casas tem sido ultimamente edificadas com lareiras, mas como os fogões de sala abertos não dão bom resultado, quasi todos hoje são fechados. Quem quizer actualisar o seu fogão pode fazê-lo sem grandes alterações de estrutura.

O nosso modelo, por exemplo, é bastante simples de executar. Compõe-se de tres bocados de madeira ligados por dobradiças com ripas de carvalho de um decimetro e meio, aparafusadas pelo lado de triz.

Se a escarpa da chaminé não for bastante saliente deve fixar-se sobre essa escarpa uma tampa de madeira ou, se for necessario, esta tampa pode mesmo substituir a outra. Claro está que o maior peso recae sobre a parte inferior e a superior será segura com chapas de ferro fixas á parede por cavilhas especiaes.

Os dois ornatos que estão por baixo da prateleira também são fixos por cavilhas. Se a armação da chaminé for de carvalho, aconselho ás minhas leitoras que deem ás suas paredes a cor de camurça, pois isso contribuiria para a estetica do aposento. Comtudo esses pequenos detalhes tem de ser deixados ao bom gosto de cada um e á idéa que cada qual faz sobre o conforto do seu lar.



REMEDIOS CASEIROS

Contra a constipação — As crianças teem geralmente grande predilecção pelo melaço. Ora como quasi todas são renitentes a remedios, não seria mau aproveitar essa predilecção para fazer uma receita que as nossas avós já reconheciam como muito eficaz para as constipações. Deita-se numa chicara de leite a ferver uma colher de sobrezeza de melaço. Não ha nada mais simples de preparar, mas se se der durante tres dias e ta mistura a uma criança constipada, ella ficará perfeitamente restabelecida e terá ao mesmo tempo tomado uma bebida deliciosa.

Para adultos também se considera esplendido para o mesmo fim o xarope de semente de sabugueiro. Deita-se uma colher de sopa deste xarope numa chicara de agua a ferver, juntando-se-lhe algumas gotas de sumo de limão, porque sem isso a semente de sabugueiro tem um sabor aspero que não agrada a todos.

Contra a transpiração dos pés — Quem tenha uma transpiração abundante dos pés, pode usar o seguinte pó depois do banho diario:

Oxydo de zinco ... 50 gr.
Talco de Veneza ... 50 »
Salicilato de sodio 5 »
Salol..... 25 »
Pó d'iris..... 5 »

E' preciso não esquecer, comtudo, que pode ser perigoso secar por completo a transpiração dos pés. Deve-se consultar um medico antes de emprender qualquer tratamento.

PENSAMENTOS

E' a boa organização, e não a economia sordida, que dá os grandes lucros.

Fénélon.

O metodo tem tres vantagens: ajuda a memoria, economisa o tempo, dá uma longa existencia aos objectos.

Dufresne.

A simetria dá a tudo uma graça singular; não ha nada no mundo mais belo e mais util que o arranjo, e pertence-te a ti, mulher, rainha da tua casa, estabelecê-lo e velar pela sua conservação.

Xenophontes.

A saude é tão superior aos outros bens do mundo que se chega a dizer que um mendigo robusto é mais feliz que um rei doente.

Schopenhauer.

MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço
Carapaus fritos com
salada
Feijão carrapato al-
bardado
Chá ou café

Jantar
Sopa de Feijão com
castanhas
Timbales de peixe
Carne de cebolada
Pudim de tapioca com
crème de chocolate

Segunda-feira

Almoço
Favas com crème
Isacas com batatas fritas
Cacau

Jantar
Purê de nabos
Pastelão de camarão
Borrachos no espeto
Arroz doce

Terça-feira

Almoço
Peixe espada frito com
alface
Couve portuguesa re-
cheada
Café ou chá

Jantar
Sopa Juliana
Mayonnaise de carne
Galinha corada com
batatas recheadas
Soufflé de chocolate

Quarta-feira

Almoço
Arroz de bacalhau
Ovos à la reine
Cacau

Jantar
Sopa de aletria
Macarrão com carne
Coelho sauté
Crème ou rum

Quinta-feira

Almoço
Mexilhões á moleira
Fritas recheadas
Café ou chá

Jantar
Sopa á la tauradora
Linguados á italiana
Carneiro de fricassé
Filhós de morangos

Sexta-feira

Almoço
Carnes frias com sala-
da de tomate
Ovos recheados
Cacau

Jantar
Sopa á la bonne Jutte
Purê de ervilhas com
chouriço de sangue
Vitela recheada com
ervas frias
Marmelada d'ovos

Sabado

Almoço
Sardinhas em azeite
Bifes com batatas
Chá ou Café

Jantar
Canja de pato
Empadinhas de almon-
degas
Pato recheado com ce-
nouras e nabos
Biscottos d'amendoa



A referida travessia será iniciada em Março próximo, com o itinerário representado na gravura que segue:

O itinerario



Trecho da valsa

ESTHER

A. Vasques de Carvalho

The image shows a musical score for a waltz titled 'ESTHER' by A. Vasques de Carvalho. The score is written for piano (p) and includes a large, stylized blue ink drawing of a vase or urn in the center, which partially obscures the musical notation. The score consists of ten staves, each with a treble and bass clef. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings like 'p' (piano) and 'dim.' (diminuendo). The blue ink drawing is a large, stylized vase with a wide mouth and a narrow neck, featuring a heart-like shape in the center. It is decorated with floral patterns and has a base. The drawing is superimposed over the musical score, which is written in black ink on aged paper.

Reconciliação



QUANTOS lugares?... perguntava o gerente desfazendo-se em atenções para com o recém-chegado, um rapaz alto, elegante, distinto, parecendo ter mais de trinta anos, que acabava de entrar em certo restaurante da Riviera, onde uma multidão alegre e frívola almoçava ao ar livre, no lindo terraço magnificamente situado entre os prados sempre verdes e o mar azul, maravilhoso.

— Um só...

Outras pessoas iam chegando que, sem se apressarem, escolhiam a mesa devoluto que lhes agradava mais. Na maior parte eram homens de faces glabras a quem a moda conservava uma aparência de mocidade e mulheres pintadíssimas arrastando um luxo ostensivo de odaliscas. Em tudo se sentia o artificial, a convenção, a corrupção de uma sociedade á parte, á margem da humanidade que luta.

Julião Raucourt perguntava a si mesmo que era que tinha vindo fazer áquela meio que os seus hábitos lhe tornavam completamente estranho. Descera da casita que habitava, num concavo dos rochedos brancos que dominavam o mar e onde se tinha instalado para trabalhar á vontade, de volta de uma viagem de estudo que fizera nos planaltos da Asia Central. Tinha cedido, certamente, a uma vaga necessidade de se aproximar da vida e de quebrar uma solidão que começava a tornar-se pesada. Aquela manhã de primavera fascinava-o com o seu encanto e sugeria-lhe a tentação de sair de si proprio. Todavia, olhando em volta, não descobria razões para se interessar pelos seus semelhantes; ao contrario, observava muitas para delas se desgostar ou lhe inspirarem dó. Não havia ali um unico par verdadeiramente moço, despreocupado e harmonioso.

O amor entre toda aquella gente devia ser tão falsificado como os alimentos que saboreavam, cuja pobreza substancial era mascarada por molhos mais ou menos habéis.

Enquanto comia a refeição que lhe tinha sido servida, Julião sentia saudades da mesa de trabalho a um canto da qual costumava almoçar e do ramo de anêmonas bravas que todas as manhãs ele proprio colhia, a fim de embelezar a sua habitação de acaso.

Quando acabou de comer acendeu um cigarro e absorveu-se na contemplação do mar: era de uma beleza fascinante, como que envernizado á superficie das ondas pelo reflexo do sol que, áquela hora, lhe batia em cheio. Saía do Oceano um ruído de vida temerosa e profunda, parecendo que com todas as suas forças secretas ele queria protestar contra o abuso que da sua presença se fazia, tornando-o moldura de tão mediocres quadros de uma civilização prestes a extinguir-se.

Julião cismava em que, nos tempos da cidade antiga, se voluptuosos patricios vinham espairar

naquelas paragens, havia ao menos em cada promontório um templo dedicado á divindade, a graça de um portico de esbeltas colunas e a magestosa aparição de Artemisa ou de Poseidon elevando-se por cima dos abismos. Agora tudo estava cheio de pesadas construções e a beleza do lugar profanada.

As suas reflexões haviam-no impedido de vêr até ali, no angulo oposto do terraço, uma mulher que, como ele, estava só e, como ele também, contemplava o mar. Entre toda a gente reunida naquele estreito espaço, só ela e ele pareciam ligar importancia á temível Anphitrite inimiga dos homens e destruidora das suas esperanças. Julião acabou por reparar na desconhecida. Estava vestida com simplicidade e a sua elegancia, stricta e sóbria, contrastava singularmente com a espaventosa ostentação de tecidos caros e de jóias de que as outras mulheres se sobrecarregavam.

Numa ocasião em que ela voltou a cabeça para o lado em que ele estava Julião teve de sufocar uma exclamação de surpresa:

— Eliane!...

Que deveria fazer? Aproximar-se d'ela ou fugir a fim de evitar que ela o visse?

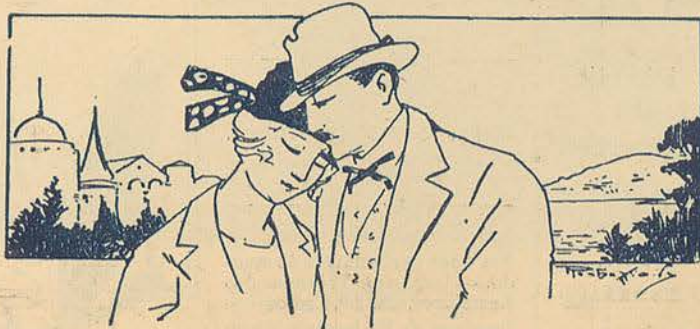
Estava tão pouco preparado para tal incidente que não sabia como proceder. Depois uma ideia obcecante se lhe impôz; a de que, se se afastasse sem ter falado a Eliane, nunca mais teria talvez ocasião de a encontrar. Então levantou-se, dirigiu-se para ela e esperou que, por seu turno, ela reparasse nele.

Estavam agora sentados um ao lado do outro, á parte, voltando as costas á multidão indifferente, e Julião explicava o seu receio:

— Bem sei quanto fui culpado para contigo! E sem o acaso que me poz hoje no teu caminho nunca teria tentado esta aproximação. Meu Deus, sim!... quando penso que ha dois anos estamos separados. Eliane!... Que de acontecimentos pôdem ter-se produzido...

— Para o senhor, sem duvida; para mim, não. Nada de novo se produziu na minha existência, que apenas se tornou mais vazia e destituída de interesse. Poderia tê-lo substituído, mas não quiz... apesar dos seus erros... Isso teria sido aos meus olhos como uma profanação... Além de que, estava desencantada do amor...

Ela falava numa voz fraca mas vibrante, que o fizera estremecer. Desposára aquella mulher quando ella tinha apenas dezoito anos, amára-a apaixonadamente, depois, num dia de



estúpida loucura, atraíra-a. Ela soubera tudo, e, sem escândalo, sem separação judicial, nobremente, riscara-o da sua vida.

Eu, proseguiu ele, viajei para trabalhar, mas sobretudo para esquecer. Só ha poucos mezes voltei a França e aluguei ali em cima uma casita, longe de todo o ruido, onde me instalei. Não sei como foi que, movido talvez por um pressentimento obscuro, desci hoje a este lugar banal:

—Tambem eu vim aqui procurar um pouco de distração...

Devo voltar amanhã, de manhã, para Paris...

Houve entre os dois um grande silencio. O terraço tinha-se despovoado e só um ruido longinquo de musica perturbava a tranquillidade do lugar. Julião apontou a Eliane o Mediterraneo cujo azul forte e brilhante se tinha adoçado.

Flutuava um vapor suave sobre o calcario branco das altas rochas que pareciam humidas, envoltas numa luz fantastica.

—Ah! suspirou ele, que dôr de não poder reconstruir o passado! Que máguas de não poder oferecer-te o meu coração, fiel, apesar de tudo, e uma afeição que nunca mais teria desfalecimentos!...

Ela empalideceu como o mar e como as rochas, o rosto velou-se-lhe numa expressão de doçura, não respondeu mas encheram-se-lhe os olhos de lagrimas. Julião então levantou-se para mais se aproximar dela.

—Se tu quizesse! Poderíamos ainda ser tão felizes!... Agarrára-lhe o mão. Eliane sem a retirar, olhando em volta a paisagem cuja luz se modificára, murmurou:

Não seria a aurora radiosa do dia; seria a tarde com as suas sombras melancólicas...

Tinham-se compreendido, e, lentamente, hombro com hombro, tomaram os dois o caminho da casinha escondida nos rochedos, cuja fôrma indecisa se perdia já no meio da grande paz percursora da noite que se aproximava.

(De Jean Bertheroy)

Barreto & Gonçalves

JOALHEIROS

17, R. EUGENIO DOS SANTOS, 17

Queiram V. Ex.^{as} vir admirar o esplendido sortimento em joias, pedras preciosas e pratas artisticas.

Compram, pelo melhor preço, ouro, prata, platina, pedras e joias antigas

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por lista. — Um habilissimo cosinheiro e magnifico serviço de cosinha

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparaveis. As senhoras que o usam temem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Respostas mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se ha a «A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

PENSÃO

Dietética-Médica — Dietética Naturista e Ordinaria

Sob a direcção técnica de clinico da especialidade

Quartos amplos com janelas e confortavelmente mobilados

HIGIENE RIGOROSA
SERVIÇO ESMERADO

RUA FRANCISCO SANCHES, M. C. L., 1.º

(Ao cimo da Avenida Almirante Reis)

Para ter uma cutis ideal usar Crema Noël (co-

— — pos Noël) — —

Volatilisavel, sem gordura, como a «Neve».

Embeleza, branqueia e

— — perfuma — —

Nas boas perfumarias do mundo. — Deposito: Travessa dos Remolares, 28, 2.º, Lisboa —

Produtos da Perfumaria Higienica «NOËL» — Paris — Lisboa

— — Barcelona — —



UMA MAGNIFICA ESCULTURA



S. PEDRO

Escultura italiana (?) do século XV, existente na capela do antigo convento do Bussaco, á esquerda da: altar-mór

(Cliché! Cruz Magalhães.)

“Verbena” nos jardins da Legação de Espanha



Em favor da Associação de Beneficência Espanhola e promovida pela senhora ministra de Espanha realizou-se, no domingo, último, nos jardins da Legação daquele país, uma verbena que decorreu muito brilhante e foi em extremo concorrida por elegantíssima assistência

Um almoço a creanças na Legação da Belgica



Na explanada do palacio da Legação da Belgica, com a assistência da senhora ministra daquele país e de suas filhas, foi servido, no dia 17, um almoço a 26 creanças de ambos os sexos, que haviam feito, na igreja da Pena, a sua comunhão de perseverança. O acto decorreu muito animado

PARTIDA PARA O BRASIL DO SR. DR. JULIO DANTAS



Tendo seguido no dia 12, a bordo do Almanzora, para o Rio de Janeiro, onde vai, a convite da Academia Brasileira de Letras e da colônia portuguesa, realizar uma série de conferencias, o sr. dr. Julio Dantas recebeu, a bordo do referido paquete, os cumprimentos de inumeras pessoas que ali foram despedir-se do eminente homem de letrass. A nossa gravura representa o illustre viajante, tendo á sua direita o sr. dr. Macedo Soares, secretario da Embaixada do Brasil, e cerca de por uma pequena parte dos seus amigos e admiradores

(Cliché A. Franco.)

REGRESSO A LISBOA DO SR. DR. AUGUSTO DE CASTRO



O illustre director do Diario de Noticias, por occasião da sua chegada a Lisboa, de regresso de Paris, no dia 13, cercado pelos representantes dos jornais de Lisboa e inumeras outras pessoas que lhe promoveram uma calorosa manifestação de agradecimento pelos importantes serviços prestados ao pais por meio do jornal de que é director, nomeadamente por ocasião do Congresso da Imprensa Latina, de sua iniciativa, e com a recepção dos aviadores em França

(Cliché Salgado)

Uma Batida às Raposas

NAS SERRAS DE OUTELA E DA CARREGUEIRA



O sr. Daniel do Nascimento
organizador da batida



Grupo
de
batedo-
res aguardando o
sinal para iniciar
a batida em Vale
de Lobos



Realizou-se, ha dias, nas Serras de Outela e da Carregueira, uma grande batida às raposas, promovida pelo sr. Daniel do Nascimento e em que tomaram parte mais de 100 caçadores e 38 batedores, auxillados por 50 cães. Decorreu animadíssima a interessante excursão venatoria, de que as nossas gravuras dão uma idéa, figurando entre os caçadores os srs. dr. Borges de Sousa, Julio Timoteo (Belas), capitão Abel da Costa Silveira, Gilberto Renda, Pedro Guedes, Rui Roque Gamello, Casimiro Sábido, Julio Soares de

Os caçadores srs. dr.
Borges de Sousa, Fre-
derico Kopfer e Anto-
nio Fernandes no Pi-
nhal da Serração

Albergaria, Manuel
Neto, Paulo Amaro,
Manuel Alves, José de
Melo, Artur da Fon-
seca, etc.



O pintor sr. Pedro Guedes
numa espera



Reunião dos caçadores, na serra de Outela

ARTILHARIA DA SERRA DO PILAR

JURAMENTO DE BANDEIRA E EXERCÍCIOS FINAIS

No regime...
de artilharia
n.º 6, aquar-
telado na Serra
do Pilar, reali-
sou-se no dia 27
do mês findo a
cerimônia do ju-
ramento de ban-
deira, que devido
aos esforços de
oficiais e sargen-
tos do referido
regimento atin-
giu, este ano, ra-
ro brilhantismo.

Discursaram, o
comandante do
regimento cor-
nel sr. Paes de
Figueiredo e o
tenente sr. Russo,



O comandante do
regimento lendo o
eu dis-
curso.

As baterias, depois do exercício, descendo a serra de Valongo,
a caminho do quartel

sendo ambos os discursos muito apreciados. No dia 3 do cor-
rente, de ma Iru-
gada, partaram
para a Serra do
Ralo próximo de
Valongo, duas
baterias do mes-
mo regimento
que ali foram fa-
zer fogos reais
de artilharia os
quais constitui-
ram os exercí-
cios finais.

Tendo bivaca-
do nas proximí-
dades da vila de
Valongo, regres-
saram no dia 4
ao seu quartel.

A manta do diabo,
jogo que despertou
grande hilaridade.

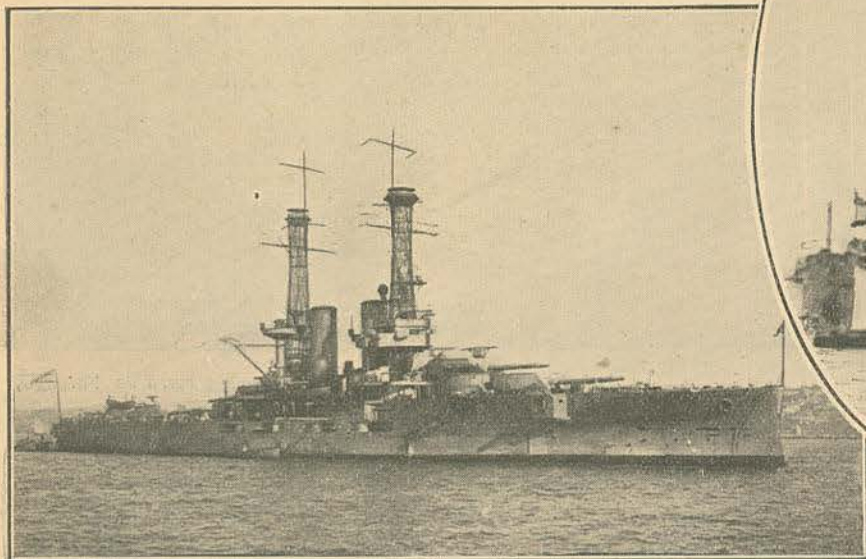


Levantamento do bivaque para regresso ao quartel
(Clichê do 2.º sargento de artilharia 6 sr. José Maria Coutinho).

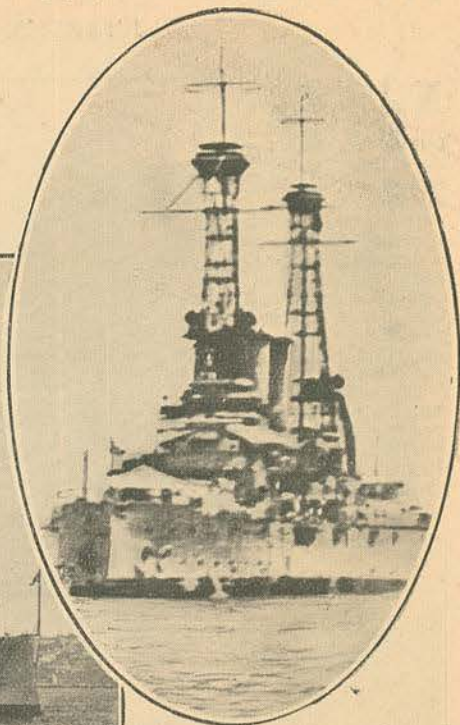


COURAÇADOS AMERICANOS NO TEJO

A DIVISÃO NAVAL NORTE-AMERICANA CONSTITUIDA
PELOS COURAÇADOS «ARKANSAS» E «FLORIDA» ES-
PERADA DEPOIS DE AMANHÃ NO NOSSO PORTO,
ONDE SE DEMORARÁ ATÉ AO DIA VINTE E NOVE



O couraçado Florida



O couraçado Arkansas

BANQUETE INTIMO



Assistencia ao banquete intimo oferecido ha dias, no Resturant Comercial do Porto, pelos srs. José Pinto de Magalhães & C.ª, com grandes armazens de ferro naquela cidade, aos seus amigos e representantes da imprensa

(Cliché André Moura.)

A travessia aérea do Atlantico Sul

COMEMORANDO a passagem do primeiro aniversario da travessia aérea do Atlantico Sul, ou seja da chegada ao Rio de Janeiro, em 17 de Junho de 1922, de Gago Coutinho e Sacadura Cabral varias festas se realisaram, em Lisboa, no ultimo domingo.

Dentre ellas avulta, porém, a efectuada no Arsenal de Marinha e que constou da inauguração de uma placa na chamada Casa da Balança. Assistiram a acto, que assumiu particular imponencia, o chefe do Estado, o qual descerrou a lapide e proferiu uma brilhante allocução em resposta ao patriotico discurso do sr. ministro da Marinha, este ministro e os seus colegas da presidencia do governo e dos Negocios Estrangeiros, Sacadura Cabral, grande numero de officiaes da Armada e do Exercito, etc.

Na lapide, inaugurada, que foi executada nas officinas d. Arsenal de Marinha, leem-se as seguintes palavras, proferidas pelo sr. Presidente da Republica por ocasião da sua visita, ha um ano, ao Arsenal:

A lapide inaugurada no Arsenal da Marinha

A Armada gloriosa de Portugal não admite restricções para



O sr. ministro da Marinha lendo o seu discurso

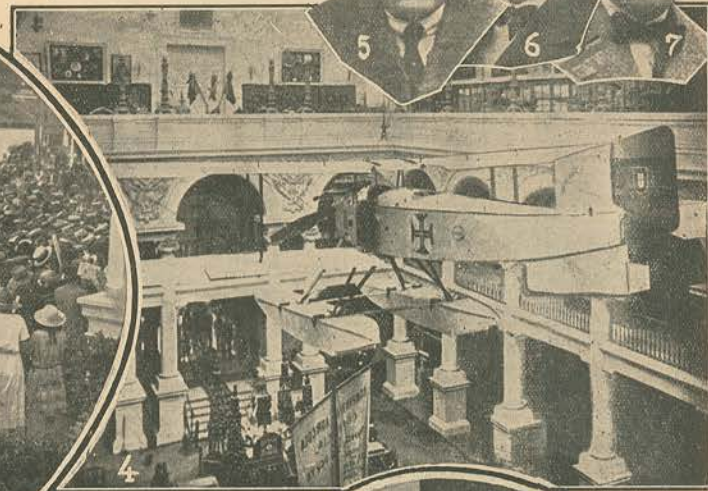


Um aspecto do festival no Jardim da Estrela

as energias fulgurantes do seu patriotismo, nem limites para a sua indomavel accção combativa, nem duvidas para a sua fe inquebrantavel nos destinos da nacionalidade.

O tra comemoração da festiva data foi constituida pelo festival organizado no Passeio da Estrela, pelo pessoal dos Correios e Telegrafos, revertendo o respectivo producto para a construção de um sanatorio destinado aos seus colegas tuberculosos. Teve grande concorrência, tendo sido tambem visitado pelo Chefe do Estado.

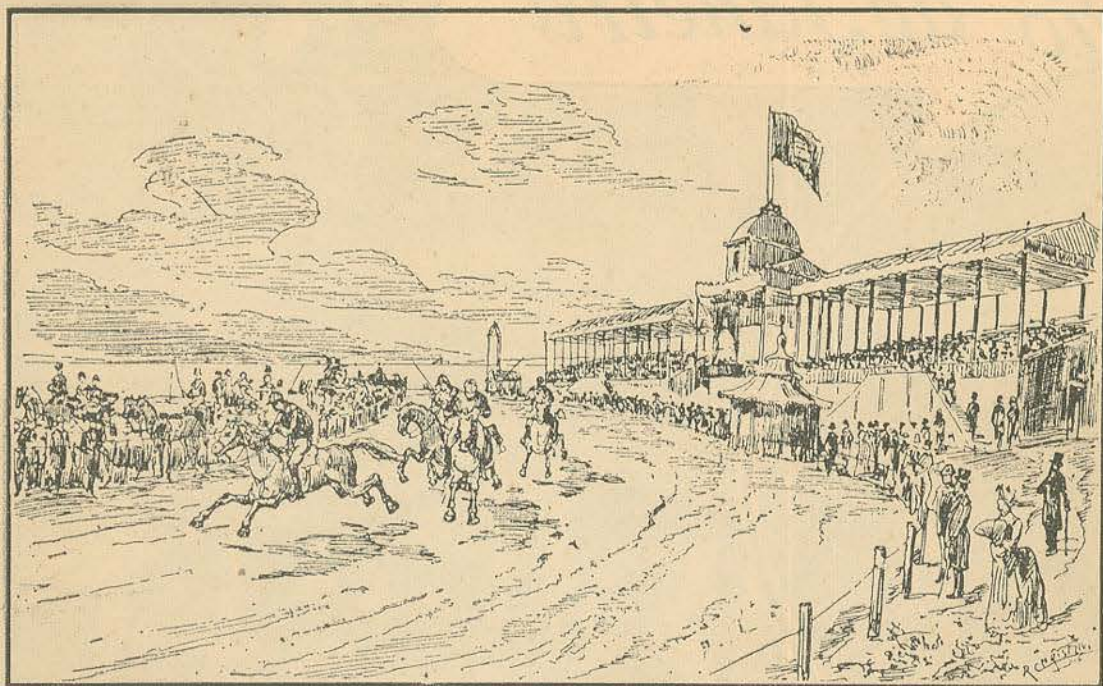
O Pavilhão Português da Exposição do Rio de Janeiro



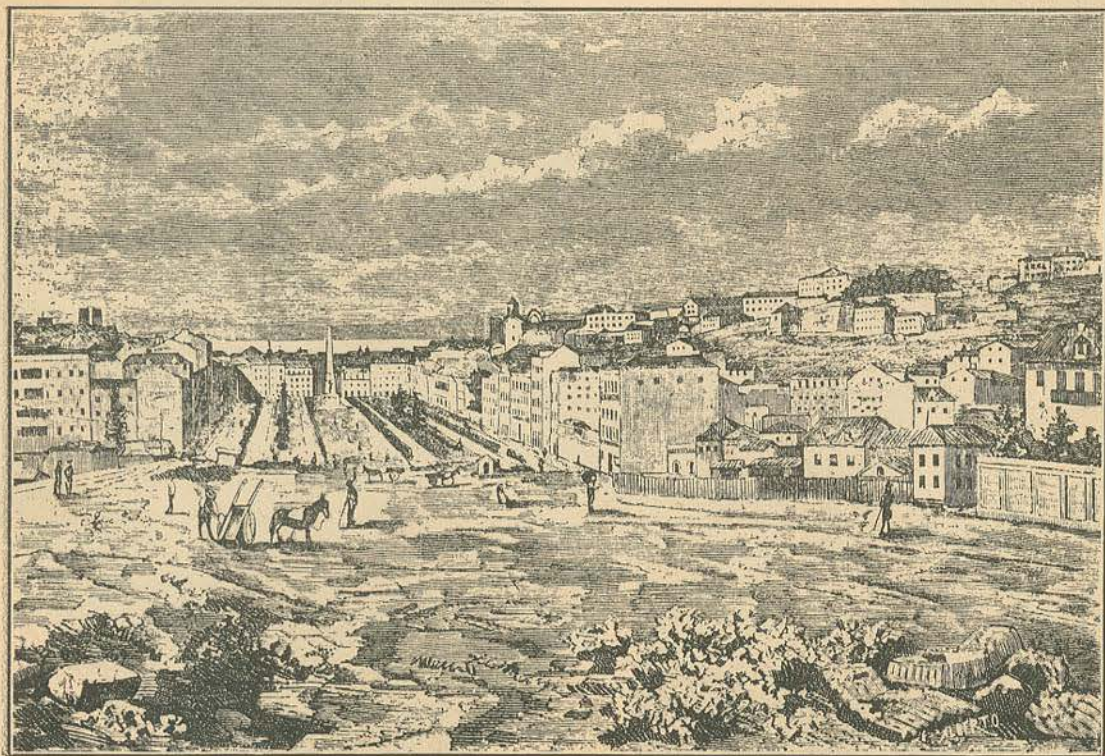
1. — Ricardo Severo, que superiormente dirigiu e ultimou os trabalhos da construção e instalação do Pavilhão. 2. — Uma das salas do Pavilhão. 3. — O povo no dia da inauguração do Pavilhão (22 de maio), aguardando que fosse franqueada a entrada no mesmo. 4. — Outra sala do Pavilhão, em que se acha exposto o viado Santa Cruz que completou a travessia Lisboa-Rio. 5. — Alfredo da Assunção Santos, 6. — Carlos Rebelo de Andrade, e 7. — Guilherme Rebelo de Andrade, arquitectos diplomados pela Escola de Belas Artes de Lisboa, autores do projecto do Pavilhão. 8. — O chefe de Estado brasileiro dando o braço á senhora Embaixatriz de Portugal e o Embaixador de Portugal dando o braço á Mme Artur Bernardes, á entrada do Pavilhão, no dia da sua inauguração. 9. — O Pavilhão Português das Indústrias. 10. — O Consul de Portugal no Rio de Janeiro discursando por ocasião da entrega, pelo sr. Leal da Câmara, do cofre contendo a Terra de Portugal, que figura numa das salas do Pavilhão.

(Clichés Brandão, «A Pestrilha» do Rio de Janeiro)

Ha Muitos Anos...



O antigo hipodromo de Belem, inaugurado em 24 de junho de 1874 e que, poucos anos depois, dada a dificuldade de aclimação das corridas de cavalos entre nós, passou a servir de campo de manobras e de revistas militares, tendo sido a mais importante a que ali se realizou em honra de Afonso XII, por ocasião da visita deste soberano espanhol a Lisboa



As obras de construção da Avenida da Liberdade, em Junho 1885, isto é, ha 38 anos

(Desenhos de Ribeiro Cristino.—O Ocidente, de 21 de Julho e 1 de Junho de 1885)

UM QUARTEL

MODELAR

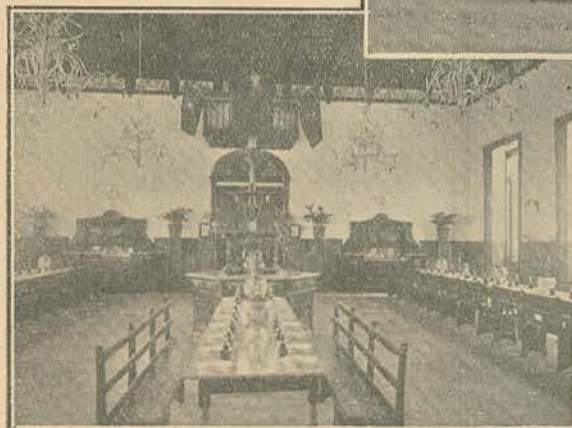
DOMINANDO a cidade de Coimbra está o quartel da 1.ª companhia do Batalhão n.º 5 da Guarda Nacional Republicana, batalhão de que é comandante o distinto major sr. Luiz José da Mota, um dos combatentes da Flandres, sendo por sua vez, comandante da referida companhia a capitão d'infantaria sr. José d'Albuquerque.



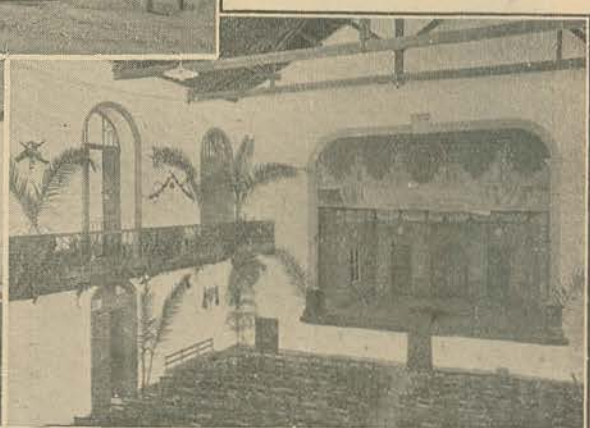
Fachada

de se dizer, em resumo, que o capitão sr. Albuquerque á força de economia e de inteligente e fecunda administração tem conseguido o impossível, constituindo o melhor testemunho do que afirmamos os clichés que acompanham esta breve notícia, em um dos quaes—o grupo de officiaes—figuram o comandante do batalhão, ao centro, dando a direção ao co-

central



O refeitório

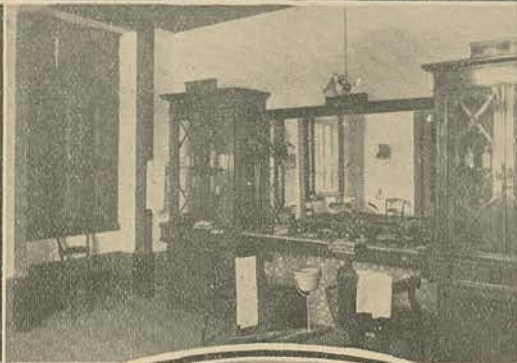


O salão de instrução e recreio

O edificio é o do extinto Collegio Moderno, que foi adquirido pela Guarda Nacional Republicana que o capitão sr. Albuquerque tem, durante pouco mais dum ano do seu comando, melhorado consideravelmente em termos de o transformar num quartel magnifico, verdadeiramente modelar. Assim, entrar nele é colher desde logo a impressão do quanto pode a actividade dum homem energico e trabalhador incançavel.

A ordem, o asseio, a magnifica disposição de todas as dependencias do referido quartel são notorias e a sua disciplina, hygiene e instrução cuidadas com o mais extremo rigor.

Constantemente auxiliado pelo sr. major Mota e com a mais leal cooperação dos seus officiaes e praças é o caso



mandante da 1.ª companhia.

Foi neste quartel modelar, ainda, ha pouco visitado por um distinto engenheiro francez que declarou nada haver, no seu paiz, de melhor, que foram alojados os alunos do Collegio Militar na sua recente excursão ao norte.

Resta a acrescentar que o capitão sr. Albuquerque tem uma larga folha de serviços e já como director da officina do Depósito de Degradados de Angola, do serviço de transportes em Angola, comandante do Depósito de Adidos do G. E. P. e comandante da companhia dos Loios, em Lisboa, ele havia provado quanto valem as suas qualidades de trabalho, de administrador e de militar energico.



A barbearia

Grupo d'officiaes

"Estrelas" e Azules do Cinema



Betty Compson,
apreciada estrela da cinematografia mundial,
numa das suas ultimas creações

Uma curiosa fotografia
do popular
Charles Buck Jones



Sydney Chaplin, «metteur en scène» e artista, que ultimamente realizou um magnifico trabalho na pellicula «Un coup d'etat», em nada se parece com seu irmão Charlie.

«Quando Sydney fala, disse um dia um jornalista francez, não é necessario ouvi-lo para o comprehendemos, basta para isso ler o que ele exprime com os seus olhos.

Sydney tem trinta e tantos anos e, além de filmar pelliculas, dirigidas por ele proprio, tem a seu car-

go a administração da firma de seu irmão.

Por outro lado, Sydney entrega-se ao jogo da Bolsa, onde até, em 1921, perdeu mais de cento e cinquenta mil dollars.

No entanto, o que Sydney nunca perdeu, nem parece estar disposto a perder, é o seu extraordinario bom humor.

O ultimo trabalho de Sydney, a que acima nos referimos, «Un coup d'etat», é uma interessante comedia escrita, posta em scena e desempenhada por ele. Nesta engraçada pellicula, montada com um luxo prodigioso, toma parte um verdadeiro «enxame» das mais formosas raparigas dos «studios» americanos.

— André Hugon, partiu para Toulon, para filmar as scenas ao ar livre, da sua pellicula «La rue du pavé d'amour», de que os principaes interpretes são: Mlle. Sylvette Fil-



Henni Porten,
uma das grandes eleitas
do publico



A protagonista do esplendido film
Sombras do passado,
Mary Mac Laven

acier e os srs. Toullout, Debucourt e Hénz.

— Maria Dora e Ivor Novello, o principal interprete do mais recente «film» de Griffith, desembarcaram em França, assim como M. Blumenthal, o apreciado «metteur en scène», que, acompanhado de um numeroso grupo de artistas, vai fillmar algumas pelliculas no territorio francez.

FIGURAS & FACTOS

Dr. Candido de Figueiredo

Ilustre nome de letras e funcionario publico que, a proposito da sua aposentação como sub-director geral de justiça, foi alvo, no dia 19, de comvente manifestação de homenagem por parte dos seus antigos chefes e subordinados



Dr. Leonardo Coimbra

Eleito socio da Academia de Sciencias na sessão do dia 17



'Acontecimentos do 19 d'Outubro

Os officiaes accusados de, estando no edificio do Arsenal de Marinha ao produzirem-se, ali, os crimes da noite tragica, não tereim tomado providencias para os evitar, cujo julgamento pelo Tribunal Militar se futeiou no dia 14



Casas de Trabalho de Xabregas

Um dos postos de venda de ritas, etc., instalados na ante-câmara do salão de baile da Lira Naval, por ocasião da matineé-dancante ali realçada, com grãnde e elegante assistência, no dia 13, em favor da Casa de Trabalho de Xabregas



Padrões da Grande Guerra

Com variadas participações realisou-se, no dia 16, a espera do tolros que foram lidos no dia seguinte, no campo Pequeno, na corrida cujo produto revertu em favor da subscrição para os Padrões da Grande Guerra, corrida que teve extraordinaria concorrencia, a a que assistiram o Chefe do Estado e membros do Governo. As nossas gravuras representam a condução dos tolros para a praça e um aspecto das corzeias



Enlace matrimonial

O sr. Antonio Maria Pereira e a sr.ª D. Maria Helena Martinho Pereira, cujo casamento se realisou em Lisboa, no dia 26 do mez findo. O noivo é neto do falecido fundador da Parceria Antonio Maria Pereira



D. Maria Henriqueta Ruas

Ilustre violulista, discipul do professor sr. Julio Cardona, que realisou, ha dias, com grande exito, a sua apresentação no Conservatorio



Mutilados da guerra

A comissão de mutilados da guerra que esteve, no dia 13, no Parlamento, onde foi entregar um memorandum, pedindo para lhes ser melhora-da a precaria situação financeira em que se encontram



Alfredo Teodoro Simões Manso

Falecido, no dia 3, em Ave-lar, o seu funeral atingiu proporções de comvente manifestação de preito e saudade por quem, nos ultimos cincoenta anos, melhor representou a referida villa, politica e moralmente, As familias enlutadas, os nossos sentimentos



Alexandre José Canuto

Avô do empregado do Seculo sr. João José Canuto d'Oliveira, falecido no dia 7 do corrente

Um garoto de jo-nas em minia-tura

Trata-se do meni-no Joaquim Azevedo Martins da Costa, filho do no-so antigo colabo-rador da Povoia de Varzim, sr. Joa-quim Martins da Costa Junior, de 3 e meio anos de idade e, portanto, o mais pequeno que, com certeza, existeria na classe, se não fosse apenas um profissional a fingir



O EXTRANGEIRO EM FÓCO



Pierre Loti

Grande romancista francês de seu verdadeiro nome Julien Vland, falecido no dia 11 em Hendaya



Alexandre Stambolisky

Ditador bulgaro destituído pela recente revolução e mais tarde assassinado



Teodor Teodorot

Chefe da opposição burguesa que acaba de derrubar, na Bulgária, o chamada «ditadura verde»



D. Melquiades Alvarez

Novo presidente da Camara dos deputados de Espanha



Carlos Campos

Deputado brasileiro candidato a presidência do Estado de S. Paulo



Antonio A. Lima

Deputado brasileiro autor do projecto de um monumento a Camões



Francisco Cambó

Que acaba de abandonar direcção do partido regionalista catalão



Grão-duque Demítri

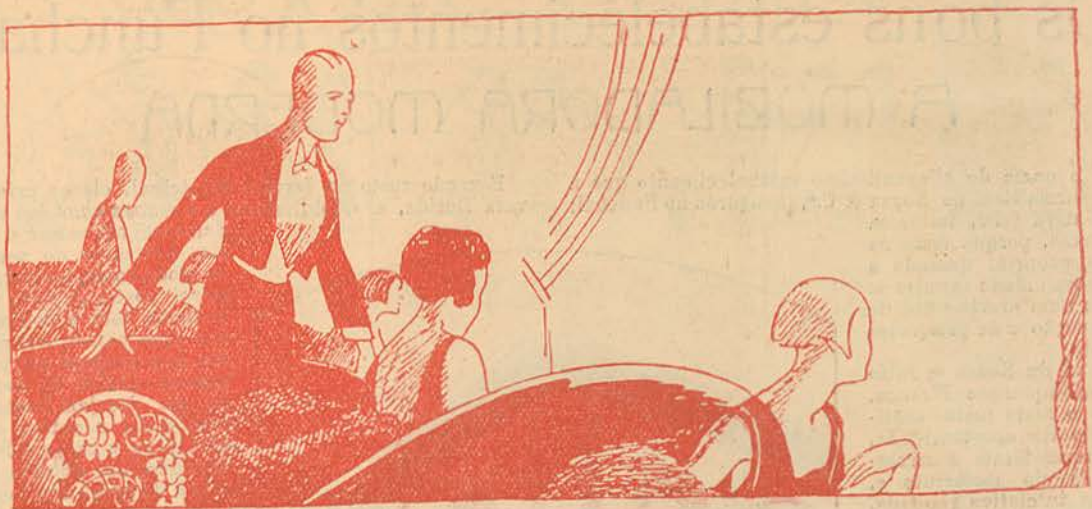


Grão-duque Círiilo



Grão-duque Nicolau

Pertendentes ao trono russo, na hipotese de ser derrubado o regimen bolchevista



O MEU HOMEM, no Apolo

A FLOR DE MAIO, no Avenida

SEJA por bisbilhotice, seja por qualquer outra causa desconhecida, o certo é que os nossos desaguisados internos, apesar de se dizer que os estrangeiros não nos conhecem, tem eco, uma vez por outra, fora do país. E não se suponha que são sabidos com indiferença; não senhores; especialmente, os estrangeiros de aqui de ao pé da porta são muito sensíveis aos nossos males e, se pudessem, estamos até em que fariam o possível por atenuá-los, pelo menos.

Agora mesmo, no teatro Apolo, da rua da Palma, houve uma tal balburdia que o ruído passou as fronteiras. Nós bem quizesmos guardar as conveniências e abafar o caso em família — mas vá lá uma pessoa conseguir silêncio ou timbre comedido, quando entre as vozes se esganiçam algumas saídas dos peitos fracos e sem forças das mulheres! Enfim, o eco do escândalo, ou coisa que o valha, voou por aí fóra, penetrou em Espanha, chegou a Madrid, entrou por uma orelha do comediografo Carlos Arniches, saiu-lhe por outra e despertou-lhe o desejo de intervir pelos meios mais ao seu alcance, isto é, enviando para o Apolo uma comédia na qual entrassem os artistas desavindos e representassem de criaturas muito amigas umas das outras, a fim de lhes inculcar a vontade de fazerem as pazes.

Foi assim que nos apareceu, na noite de 16 do corrente, o *Este es mi hombre*, em português *O meu homem*, com muito menos tempêro do que no original, mas sem diferença sensível quanto às intenções do autor, e foi assim que, cheios de assombro, vimos em scena, sem se estrangularem mutuamente, José Ricardo, Ilda Stichini e Mendonça de Carvalho, afóra outros contedores de menor vulto e musculatura.

Carlos Arniches converteu-os em pessoas muito simpáticas, como são na vida real, e repare-se até onde levou a sua vontade de vê-las reconciliadas: José Ricardo é um tal Antonio, que adora a filha Leonor — a Stichini — a ponto de, para poder sustentá-la, se empregar como fiscal numa casa de jogo, ele que nunca fêz uma vaca á roleta! Ilda Stichini fabrica, no fim de Dezembro, fatinhos brancos e leves, á maruja, para as crianças levarem á primeira comunhão e para ela, com o produto da venda, comprar doces e cigarros ao José Ricardo! Mendonça de Carvalho é, nem mais nem menos, do que noivo da Stichini!

Ora, destes tres artistas, dois conformaram-se com os papeis que o Arniches lhes distribuiu e, durante os tres actos da peça, não abandonaram a neutralidade; José Ricardo, porém, o actor mais teimoso que tem pi-

sado os nossos palcos, a cada passo manifesta o seu azedume pelo fingimento imposto; e obrigado, ora nas scenas mais pungentes, soltando ditos joviais como castanholas, ora nas scenas alegres, introduzindo frases de enterro pobre, agora seguindo a linha recta de uma vida sem mancha, logo cambaleando pelas tortuosidades do cognac e das amantes...

Enfim, se Carlos Arniches conseguiu o que esperava — a reconciliação — não sabemos, mas que *Este es mi hombre* tenha sido concebido com fim diverso daquele que apontamos, pomos-lhe as nossas duvidas. Ha quem diga que o illustre escritor espanhol escreveu a obrinha unicamente com o fim de ganhar *peseitos*, e que a tirada da moralidade do Antonio no final do 3.º acto é uma santa leria. São, evidentemente, calumnias que, de modo nenhum, perfilhamos.

PARA matar saudades, o nosso compatriota e antigo companheiro Antonio Guimarães, ha muito residente no Brasil, quiz fazer a fotografia animada dum aldeia do Minho, com suas pessoas e costumes, mas os olhos da alma iludiram-no, trazendo-lhe para perto o que estava a enorme distancia e a maquina não podia reproduzir senão muito enevadidamente. A paisagem e as figuras ficaram, sem duvida, mas antes não tivessem ficado, porque não tem movimento, nem colorido, nem sentimento, nem vida. E, como tudo é minuscuro, na *Flor de Maio*, desde o abade a quem o sr. João manda calar a todo o momento, até á pobre Joaninha, cujos queixumes são como o piar de um pinto recém-nascido e cuja queda não tem sombra de desculpa, com um pateta da força do menino Antonio!

Paremos por aqui, sem nos desculpamos com a falta de espaço, que o leitor vê perfeitamente que até sobra; paremos, porque nos invadiu o mau humor com a elevação de temperatura dos ultimos dias, e não queremos perder mais um amigo, e quizá provocar algum dolorido manifesto contra os criticos — com honrosas excepções.

Bem basta o que basta, para nos tirar o precioso sono!

MARIO COSTA

Os bons estabelecimentos no Funchal

A MOBILADORA MODERNA

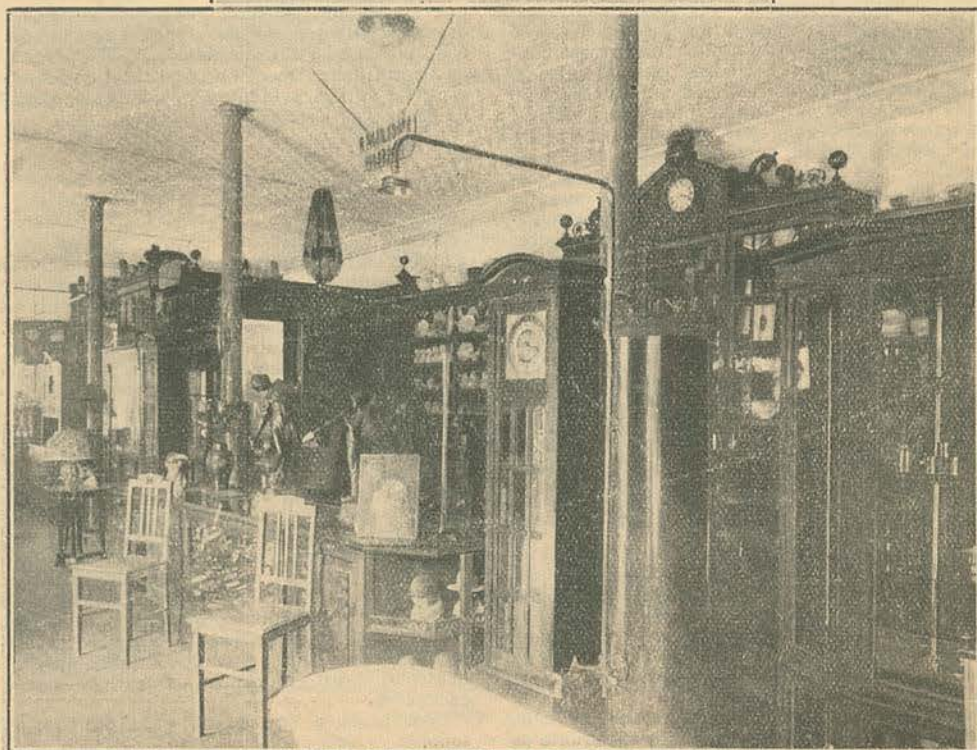
E o nome do elegantíssimo estabelecimento que a firma Raul de Sousa & C.^a, inaugurou no Funchal; iniciativa feliz, futura empresa, porque veio na hora própria, quando a formosa cidade insular se agita num movimento de renovação e de progresso geral.

Raul de Sousa e Julio de Albuquerque França, com o mais justo sentimento da oportunidade, compreenderam a necessidade do momento e, numa iniciativa rasgada, foram correr os centros da arte e do gosto, a forragear confortos e primores, contando certo com os lucros do seu empreendimento, mas seduzidos por semear um pouco de beleza pelos lares da sua ilha.

A «Mobiladora Moderna», no luxo e na harmonia das suas instalações, no *charme* que se respira no seu ambiente, faz lembrar uma preciosa recordação de viagem que os seus proprietários tivessem desengastado de uma rua de Londres, de Berlim ou de Paris.

Fazendo rosto ao Jardim Municipal, eterna primavera florida, a «Mobiladora» é o *rendez vous* dos madeirenses cultos que o inglês contagiou do sentimento do *home*, dos estrangeiros postos de novo em contacto com o conforto dos seus países, nos noivos que sonham um primoroso ninho, de todos os que desejam marcar uma data, acentuar um afecto ou uma gentileza depondo um objecto de arte e de preço numa mão amiga.

A Madeira prepara-se para abrir aos seus filhos um venturoso provir pondo em equação todos os valores e mobilizando todas as energias, mas entre os factores da sua renovação é justo que contemos as iniciativas inteligentes como a da firma Raul de Sousa & C.^a, porque, semeando a comodidade e a beleza pelos interiores ilheus, concorrem para depurar o gosto, pronunciar aptidões artísticas e, reflexamente, firmar o sentimento da família.



Edifício de A MOBILADORA. — O salão dos artigos de «ménage»

SEARA ALHEIA



—Bons dias! Ainda bem que o encontro. Não me tinha dito que precisava de uma casa?
—Disse! Por acaso, o senhor?...

—Ouça! Ouça! Quantas divisões? Sete! Tem graça! Tem muita graça!... Mas de preferência em Batignolles?... Como estas coisas sucedem!...

... 2.000 francos de renda! Mas é fantástico! Exatamente isso...
—Acaso o senhor saberá d'alguma?...

—Xão... O que eu quero dizer é que é, sem tirar nem pôr, o que eu também procuro!...
—Óra!...

(De *Petit Parisien*.)



—Ah! não tenhas cuidado, mamã. Se ficares debaixo do carro eu sei ir para casa sozinho...

(De *Punch*.)

—O quê, com uma estatura dessas o senhor tem o desprazimento de se querer fazer passar por pequeno proprietário?!



(De *L'Intransigeant*.)



—E, sobretudo, uma alimentação, sã, nutritiva...
—Isso é que não é possível! Temos uma pensão e comemos a meia redonda...

(De *Bueno Humor*.)



O p'n'or (depois de ter mostrado o atelier aos visitantes)—E agora, se quiserem dar-me a honra de aceitar uma pequena recordação minha...

Um dos visitantes—Com muito gosto... Se me permite, levarei este cachimbo...

(De *Pasquino*.)



—Imbecil! O peixe que me serviram, ha oito dias, era muito melhor!

—Imbecil, é o senhor! Posso provar-lhe que é o mesmo!

(De *Excelsior*—cleo)M.o. if

Requinte elegante

As grandes modistas esforçam-se porfiam em modelar a *silhouette* feminina com delicada arte, buscando-lhe todo o realce da esculturando-lhe discretamente as formas em suas suaves de conjunto que a simplicidade da «toilette» faz resaltar impressionantemente.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

OS INDUS DE GOA, por Antonio de Noronha

O sr. dr. Antonio de Noronha, juiz da Relação de Nova Goa, trouxe a lume, em separata do livro *A Índia Portuguesa*, mandado organizar pelo governo geral do Estado da Índia, o seu importante estudo *Os Indus de Goa e a República Portuguesa*, que consagra ao sr. dr. Antonio Jose de Almeida, «grande paladino da liberdade religiosa dos indus no parlamento monarchico de 1910.» É um capítulo interessantissimo da nossa historia colonial e o relato, quer dos esforços feitos para a conquista das liberdades religiosas dos Indus, quer das vantagens sociais e politicas que trouxe o reconhecimento dessas liberdades. Livro para estudo e meditação, a capa m recebe tambem uma referencia especial. Ideou-a o autor e executou-a o desenhista-gravador Indu Crisnana Nalque, consistindo numa moldura, na qual se vê, ao alto e no meio, a figura de Albuquerque, á direita a catedral de Goa, á esquerda um pagode indu, em baixo, de um lado, o arco dos vice-reis e do outro uma mesquita; no meio, tambem em baixo, a musica e a dança indus. Motivos arrancados á fauna e á flora indianas completam o trabalho. O volume é enriquecido de muitas estampas.

CANTICO DA FONTE, por Manuel Colares Pereira

Os apellidos do moço poeta recordam-me os de um illustre critico dramático, ao qual as coisas teatraes portuguezas devem relevantes serviços. O filho honra as tradições paternas noutro campo de actividade literaria. *Cantico da Fonte* creio que é a sua estro poetica, de que pode ufanar-se, po-que, sem favor, cumpre que consideremos deiciozas estas primicias que denunciam uma intima convivência espirital com alguns dos mestres venciados do bom e inmoderado lirismo português, resuscitando a saudade de fumes. Os seus sonetos, variados em moldes classicos, não cheiram, no entanto, ao bafo dos seculos. Os seus villancetes resumem a delicada ternura e a galanteria discreta, que assinalam os mais formosos modelos. E Manuel Colares Pereira, em cujo estro fulguram scintillações do passado e, não obstante, um lirismo de hoje, porque para a verdadeira poesia e para a arte verdadeira o tempo não conta. A poesia e a arte, quando se inspira e se inflama a beleza imortal e se exercitam mediante um talento liberto de morbidas preoccupações, tornam-se inacessíveis aos ultrajes do tempo. Sentimo-las e compreendemo-las sempre. Manuel Colares Pereira enfileira entre os poetas e os artistas da raça nobre dos que zelam, com amováveis requintes, a elegancia da poesia, na forma e no conceito, e a probidade da arte. A edição do *Cantico da Fonte*, pelo seu bom gosto, corresponde aos encantos dos poemas que emoldura e é mais uma affirmação da sobria elegancia intelectual do autor.

DIREITO DE VIVER, por João Amaral Junior

Mais um romancista. Apresenta-o Manuel Ribeiro, o autor da *Catedral* e do *Deserto*, a quem o autor consagra a sua obra. O sr. João Amaral não podia esperar do illustre apresentante senão encomios e ele dispensa-lhos

HELENA. — Vou dar-lhe as razões que me levaram a só tratar da maneira de respirar das mulheres, deixando de parte os homens: 1.ª, esta secção occupa-se principalmente de assuntos referentes á mulher, o homem só aqui entra incidentalmente; 2.ª, o homem sabe respirar, com effeito, melhor que a mulher porque, em geral, faz mais ginastica e, talvez tambem porque como V. Ex.ª diz... seja bom cantar; 3.ª, tratei da maneira de respirar em relação á beleza; ora, V. Ex.ª, na sua carta, dá aos homens a sua appellação propria... o sexo... e, realmente, o homem precisa tão pouco de beleza! aceitam-se-lhes tão bem as... cantigas, mesmo sem ella... — D.

UMA DE QUEM O CORAÇÃO OSCILA ENTRE DOIS AMORES. — Pede-me V. Ex.ª que lhe diga que provas de amor ha de exigir aos seus dois namorados para saber qual deles gostaria mais de si. Não lhe ensino prova alguma, mas dou-lhe um conselho: já que o coração oscila, espere por um terceiro. — D.

A. S. (Elvas). — Não são: o ar não é insulso, que saibamos, sendo para rimar com o convulso e com as outras palavras terminadas em ulso, do seu soneto. O Villancete

Do céu caiu uma estrela
E numa rosa pousou:
A rosa se transformou
No teu rosto de donzella...
Feneceu a pobre estrela...

é de um arrojo imaginativo demasiado, mesmo para poeta

L. B. Silva. — Pode mandar versos, sim senhor. Não publicamos apenas as maravilhas, como terá visto.

S. C. (Portalegre). — Está nas circunstancias de L. Silva. Querendo, com ligeiras emendas o soneto fica publicavel.

FLOR DE TREVO. — Isso é que não. Se está arrufada com o nêcio escreva-lhe pelo correio. Não fazemos concorrência ao Estado.

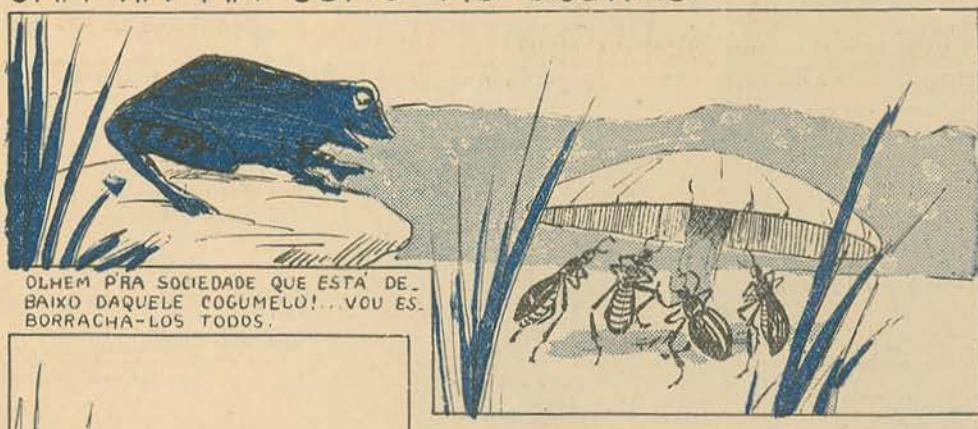
CLARA XIMENES (Porto). — Que interesse particularmente as senhoras, alguns volumes ha, de facto, na enciclopedia. Porque como E. Para que, publicada pela Secção Editorial do Se.ulo. Por exemplo, os intitulados: Gray dez e matinalidade, Boas maneiras e Aves de e poesia, estando a sair um outro, Rend. s. de fillet e ainda outros em preparação. Preço de cada volume, copiosamente illustrado, 50 centavos, custando, porém, a assinatura, por series de 12 volumes, apenas 5 escudos.

com amavel prodigalidade. Direito de viver versa um caso de adulterio — assunto banalissimo — mas encerra como objectivo capital a justificação do direito que tem á vida a mulher a quem o destino prendeu a um matrimonio desgraçado sob o ponto de vista physiologico. Incertezas de composição, que devem desaparecer em futuros trabalhos, graças de estilo, que é cheio de qualidades literarias bastante arrecláveis para que fiquem na sombra as suas hesitações, eis o que notará a critica imparcial, cuja obrigação consiste em animar o novo romancista ao cometimento de outros trabalhos em que a nota soturna, dolorosa e tragica ceda a vez a menos sombrios temas. O sr. João Amaral sem custo deparará episodios, problemas, conflitos mercedores da sua análise e da sua exposição dentro dos processos que caracterizam o génio para o qual mostra possuir aptidões inegáveis. Está ainda longe de ser perfeito. O talento, a reflexão e a perseverança conduzi-lo-hão, porém, ao posto que, natural e justamente, ambiciona.

A. de A.



UMA RÃ MÁ COMO AS COBRAS



NINGUEM FAÇA MAL A' CONTA DE QUE LHE ACONTEÇA BEM.



ESFINGIA



*

(Retribuindo ao amavel colega «Pinta
Scenas»)

Quem vos dera, de Junqueiro,
Ter a doce inspiração;
De Zepedro ter o estro,
Das charadas, o condão.

Para em versos cristalinos,
Ques nos força—é um dever—3
Com o mais gentil dos modos—1
Sua oferta agradecer.

Nós, porém, que nada sômos,
A' cabeça demos tratos...
P'ra achar esta rude forma
De nos confessarmos gratos.

Dois Urlicos

*

ENIGMA PITORESCO



*

Decifrações das produções publicadas
no numero transacto:

Enigma: Pituitaria.
Charadas em verso: Heroicos—Precario
—Odemira.

Enigma pitoresco: Nem tudo que luz é
ouro.

Charadas em frase: Carocha—Guarda
livros—Tacão.

Logogrifo: Espirito evolado.

*

ENIGMA

(A' brilhante colega «Enila»)

Qual é a coisa que tem
Oito letras desiguais,
Sendo cinco consoantes,
E as restantes, tres, vogaes—

Terça, quarta, oitava, sexta
E mais setima a fechar,
Um sinónimo de escasso
O leitor vae encontrar.

Quem juntar oitava e setima,
Mais a segunda tambem,
Ainda mais sexta e setima,
Encontra o que o leitor tem.

Sexta, quarta e mais oitava,
A seguir inda a terceira,
E setima, p'ra dar vulto
De uma nação estrangeira.

A quinta, setima, sexta,
E mais setima a findar,
Perfaz jogo conhecido,
Que todos sabem jogar.

Nada mais, e chega bem
Para o bom enigmatista;
O conceito é simplesmente,
A profissão de um artista.

Lucia Lima

*

CHARADAS EM VERSO

E' um sêr bem conhecido,
Pertence ao reino animal,
E' bipede e tem plumagem,
O mais lindo irracional.—2

Outro sêr, mas diferente,
Tambem do reino animal,
E' quadrupede, sem plumagem...
E humilde irracional—1

Juntando os dois animaes,
Que não fazem grande liga...
Vae-se encontrar no conceito
Moeda bastante antiga.

Ferraz, Ferrão & Ferreira

*

(A E Martins Pereira)

E' uma de sete irmãs,—1
Em Paris foi batizada,—1
E residindo em Lisboa,
N'este bairro tem morada.

C. Sittel

*

CHARADAS EM FRASE

Medita bem no que fazes, pois que to-
dos temos uma certa propensão para for-
mar esta ideia—2—3.

Ovar.

Selva

*

Esta nota juntou-se a outra nota para
pagar o salario—1—1.

Anupim

*

(Agradecendo ao illustre colega «Rei Van-
bas»)

Tome você também nota, que dedicar.
me uma charada sem nunca me haver
visto, é caso para lhe estar agradecido—
1—4.

Selvar

*

LOGOGRIFO

(A «Baal», autor do logogrifo publicado
no n.º 900 da «Ilustração». Sobre os
mesmos versos de Bocage).

Veloz borboleta—3—11—2—11—10—3—7.
que, lêda girando
penosas idelas
me estás avivando.

Insecto mimoso—8—1—6—4—11.
aos olhos tão grato,
da minha tirana
tu és o retrato.

A graça que ostentas
nas plumas brilhantes,—5—4—12—10—3—
1—11—12.

Tem ela nos olhos
gentis, penetrantes.
Tu andas brincando—0—11—0—0—11—2—
3—0.

de flor para flor:
Anarda vaguela
de amor em amor.

Nonção.

M. Gonçalves Ribeiro
(«Majogor»)

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publica-
das na *Ilustração Portuguesa* as decif-
rações das produções insertas n'este
numero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Se-
culo* e endereçada a José Pedro do
Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 16 ho-
ras, na sucursal do Roclo.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel lizo e tinta
da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restitue.

QUADRO DE HONRA

A. de R. M. — Violeta — Dr. Sa-
lão — Serrot — Magers — Club do
Silencio — S. Palo — N. N. — C.
Sittel — Dama Oculta — Sengir-
dor — Os tr's ramboas — Castor
& Polux — P. M. — Charlotinho —
Ferraz, Ferrão & Ferreira — J.
Salgueiro — Lucia Lima — Sant'
A'ia — Principe Ante — Sobrac
Sier — P. M. F. — Saplan — Al-
berto Ferreira — Otterab

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero